



Estilos Parentais: Percepções entre Pais e Filhos

Sandra Soares

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARGARIDA ALVES MARTINS

Co-Orietadora de Dissertação:

PROFESSORA Dra. MANUELA MACHADO

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARGARIDA ALVES MARTINS

Tese submetida como requisito parcial para obtenção de grau

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Educacional

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Margarida Alves Martins, e co-orientação da Professora Dra., Manuela Machado apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Educacional conforme o despacho da DGES nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro de 2006.

## AGRADECIMENTOS

A realização do presente estudo contou com a colaboração e ajuda de muitas pessoas, sem as quais este não seria possível, motivo pelo qual merecem o meu agradecimento.

Quero em primeiro lugar agradecer à Prof. Rosa Ralo diretora do agrupamento de escolas no qual o estudo foi realizado, pela forma como fui recebida e pela rapidez com que tratou de todo o processo, e pelo apoio inicial.

À direção da escola e a todos os professores que se disponibilizaram para ajustar agendas e facilitaram todo o processo.

Aos pais e alunos que participaram no mesmo, sem vocês nada disto seria possível.

A todos os professores que se foram cruzando comigo na minha vida académica e que deixaram um pouquinho de si e fizeram de mim uma melhor pessoa.

Em especial à Prof. Júlia Serpa Pimentel pela forma inspiradora com que trabalha e pela sua garra admirável e invejável.

Ao Prof. José Morgado, por todos os ensinamentos e por me ter ajudado a ver a vida por outro prisma, igualmente pela forma como transmite os seus conhecimentos, ninguém dá aulas como o Prof Morgado!

À Prof Manuela Machado pelo apoio no estágio e na tese e em especial à Prof. Margarida Alves Martins pelo ser humano fantástico que é, pela força, calma, serenidade, segurança e pragmatismo que nos transmite.

À minha família mais alargada, tias, tios e primos, um obrigado pela força que me têm transmitido.

Ao meu pai por fazer de mim a mulher que sou hoje e da qual me orgulho.

À minha mãe por ser o meu porto de abrigo e a minha base segura com a qual posso sempre contar, pelo carinho, suporte e apoio que sempre me deste. Obrigada por acreditares sempre em mim!

À minha irmã, pelo amor e apoio incondicional. És o meu orgulho e um modelo a seguir, tens uma força de vencer invejável, nunca a percas. Um dia vou chegar lá!

Aos meus amigos que se tornaram numa família que eu tive o prazer e honra de conhecer e com os quais pude sempre contar em momentos menos bons. Em especial à Cláudia, Ana, Marta, Joana, Carolina, Sofia, Constança, Sara. Obrigada!

À Madalena Ferreira Lima e à Filipa Gonçalves, por serem duas forças da natureza que eu admiro pela sua força e determinação e que nunca me deixaram desistir.

Às minhas colegas de trabalho, que se tornaram numas amigas com as quais sei que posso contar. Pelas horas intermináveis que passamos juntas, não só a trabalhar e nas quais tive oportunidade de crescer e aprender a ser uma melhor ser humano, o meu muito obrigado, Viviana, Cátia e Catarina.

Ao meu namorado por toda a paciência e dedicação que me têm dado, por todas as vezes em que teve de me ouvir a reclamar e desabafar, sem nunca se queixar, por toda a compreensão, apoio e amor que me tem dado. Contigo a meu lado este caminho foi sem dúvida mais fácil.

Obrigada a todos por tudo!

## RESUMO

O presente estudo enquadra-se no âmbito das práticas e dos estilos parentais. Teve como objectivo comparar as percepções dos estilos parentais entre os pais e os seus respectivos filhos, bem como comparar se existem diferenças entre as percepções dos filhos atendendo ao género destes. Os participantes do presente estudo foram 46 crianças portuguesas, que frequentavam o 4ºano de escolaridade numa escola em Lisboa, e 46 respectivos pais. Foi aplicada uma escala que pretende avaliar os estilos parentais adoptados pelos pais e percebidos pelos filhos. Foram colocadas duas questões de investigação: saber se existem diferenças nas percepções entre pais e filhos quanto ao estilo parental, bem como, saber se existem diferenças entre as percepções dos filhos atendendo ao género destes. Os resultados obtidos permitiram inferir que pais e filhos têm diferentes percepções face ao estilo parental adoptado pelos pais, mas que não existem diferenças nas percepções dos filhos atendendo ao género destes. Os resultados vão assim de encontro aos estudos anteriores que explicam as diferenças nas percepções entre pais e filhos quanto ao estilo parental adoptado pelos pais pelo facto de existir uma certa incompatibilidade de percepções e pensamentos no relacionamento entre os pais e os filhos. No que respeita à inexistência de diferenças nas percepções dos filhos atendendo ao género destes, os estudos apontam para o facto de que mais do que o género, é a idade das crianças a variável que influencia a percepção nos filhos.

**Palavras-chave:** estilo parental; práticas parentais; percepção

## ABSTRAT

This study fits within the practices and parenting styles. The aim was to compare the perceptions of parenting styles between parents and their children, as well as compare if there are differences between the perceptions of these children given the gender. The participants were 46 Portuguese children, who attended the 4th grade at a school in Lisbon, and their parents. A parent's scale was applied to assess the parenting style adopted by them. It was applied a scale that aims to assess parenting styles adopted by parents and perceived by children. We asked two questions: know there are different perceptions and the perceptions of parents and children regarding parenting style, as well as whether there are differences between the perceptions of these children given the gender. The results agree with those obtained in previous studies that explain the differences in perceptions between parents and children about the parenting style adopted by parents because there is some mismatch of perceptions and thoughts on the relationship between parents and children. Regarding the absence of differences in perception `s of the children given their genre, the studies point to the fact that more than the gender, the age of the children is the variable that influences the perception in children.

**Keywords:** parenting style, parenting, perception

## INDICE

INTRODUÇÃO	pág. 8
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	pág. 10
1. Conceito Família	pág. 10
2. Práticas Educativas	pág. 12
3. Estilos Parentais	pág. 15
4. Práticas Parentais: Influência do Género dos Pais	pág. 19
5. Práticas Parentais: Influência do Género dos Filhos	pág. 20
6. Percepção de Competências Parentais	pág. 23
PROBLEMÁTICA, OBJECTIVOS E HIPOTESIS	pág. 27
1. Problemática do Estudo	pág. 27
2. Pertinência o Estudo	pág. 27
3. Objectivos do Estudo	pág. 28
4. Questões de Investigação e Hipóteses do Estudo	pág. 28
MÉTODO	pág. 29
1. Tipo de Estudo	pág. 29
2. Participantes	pág. 29
3. Instrumento	pág. 30
4. Procedimentos de Recolha de Dados	pág. 32
4.1 Cronograma	pág. 33
5. Procedimentos de Tratamento de Dados	pág. 34
ANÁLISE E INTREPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	pág. 35
1. Percepção entre Pais e Filhos	pág. 35
2. Percepção entre Géneros	pág. 37
DISCUSSÃO	pág. 39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	pág. 42

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

pág. 44

ANEXOS

pág. 49

## INDICE DE TABELAS

**Tabela 1 –**

Médias e desvio-padrão das idades dos pais e dos filhos, e taxas de incidência do sexo masculino e do sexo feminino em relação aos pais e aos filhos. pág. 32

**Tabela 2-** Cronograma da Recolha de Dados pág. 36

**Tabela 3 –** Médias e desvio-padrão dos resultados obtidos para o estilo Democrático. pág.38

**Tabela 4 –** Médias e desvio-padrão dos resultados obtidos para o estilo autoritário. Pág. 39

**Tabela 5 –** Percepção dos filhos em relação ao estilo parental democrático. pág. 40

**Tabela 6 –** Percepção dos filhos em relação ao estilo parental autoritário. pág. 41

## I-INTRODUÇÃO

Segundo Palácios (1998), a família tem diversas funções. É nela que se vão construir pessoas adultas, com auto estima e noção delas próprias, e onde se experienciam sentimentos de bem-estar físico e psicológico no decorrer da vida quotidiana. É também através da família que se aprende lidar com situações de conflito e de stress e onde o bem-estar está igualmente relacionado com a qualidade da relação de vinculação desenvolvidas desde a infância. É neste cenário onde se aprende a assumir responsabilidades e compromissos, onde os indivíduos se preparam para o futuro, e onde obtêm o apoio necessário para o seu desenvolvimento. A família constitui-se assim como o contexto primordial do desenvolvimento do individuo (Cole, Cole & Lightfoot, 2005).

Esta está por sua vez inserida em inúmeros contextos, onde ocorrem de forma constante e ao longo do tempo, interações entre os indivíduos e os elementos existentes nesses mesmos contextos (Bronfenbrenner, 1994).

Os pais por sua vez, têm por base metas e objectivos ao nível educativo traçados para os seus filhos, que se vão traduzir em práticas parentais (Bern & Wagner, 2006). Estas práticas parentais podem ser enquadradas em determinados padrões de comportamento denominados por estilos parentais (Gomide, 2009).

É importante perceber de que forma o apoio e suporte fornecido ao longo do desenvolvimento, bem como, os comportamentos de rejeição ou controlo parental são percebidos quer pelos pais quer pelos filhos. Estudos indicam que a qualidade da relação entre pais e filhos assenta muitas vezes na resposta a questões relacionadas com as suas experiências vividas na sua infância, no que respeita à nutrição, à qualidade do apoio e suporte, bem como do afecto recebido pelos pais. Estes factores são tidos como importantes preditores de saúde e bem-estar, quer físico quer psicológico ao longo de toda a sua vida (Antonucci, Akima, & Takahashi, 2004).

O presente estudo pretende assim abordar as práticas parentais, especificamente, os estilos parentais. Este trabalho encontra-se organizado em nove secções. Depois de uma breve introdução que serve o intuito de nos situar quanto à área de investigação,

segue-se o enquadramento teórico que contempla o enquadramento histórico do surgimento deste conceito, a explicitação do mesmo e a sua respectiva abrangência; e ainda a revisão de alguns estudos empíricos acerca do tema. A secção seguinte é dedicada à problemática, aos objectivos e às hipóteses que se pretendem inferir, seguindo-se a secção da metodologia utilizada nesta pesquisa. Aqui, é apresentado o delineamento experimental; são caracterizados os participantes; são apresentados e caracterizados os instrumentos utilizados e ainda os procedimentos de recolha e de tratamento dos dados. São posteriormente analisados na secção subsequente os resultados obtidos ao nível quantitativo através de análises estatísticas, seguindo-se uma secção onde os mesmos resultados são posteriormente discutidos à luz dos resultados obtidos nas investigações anteriormente realizadas no mesmo âmbito que o presente estudo. Por fim, segue-se uma breve secção dedicada às considerações finais, finalizando o presente trabalho as secções das referências bibliográficas e dos anexos.

## II-ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 1 – Conceito Família

Segundo Palácios (1998), a “família é a união de um conjunto de indivíduos que partilham um projecto vital de existência em comum e duradouro, no qual se gera um forte sentimento de pertença e em que existe um forte compromisso pessoal entre os seus membros, e se estabelecem intensas relações de intimidade, dependência e reciprocidade” (pp. 101).

Ao longo dos anos a estruturas familiares bem como as relações internas nelas existentes, têm vindo a sofrer algumas alterações, conduzindo a uma redefinição dos papéis parentais (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2001).

Segundo Bronfenbrenner (1979/1996), a família é encarada como o primeiro ambiente em que a criança participa activamente. A primeira pessoa a criar uma relação mais próxima regra geral é a mãe, mas ao longo do tempo a criança vai desenvolvendo relações com os restantes membros da família. Desta forma vão sendo criadas várias relações em díades, como a relação pai-criança, irmão-criança, o que se traduz em pequenos subgrupos dentro do microsistema que é o sistema familiar.

Foi nos anos 70, que Bronfenbrenner (1977; 1996), apresentou as suas pesquisas e estudos desenvolvidos em ambientes naturais, tecendo duras críticas aos estudos realizados “fora do contexto”, focando-se apenas no individuo ignorando assim a influência do contexto no desenvolvimento do mesmo. O mesmo autor defende assim a bidirecionalidade de influências, isto é, ao longo do desenvolvimento do individuo e das suas interacções, este é influenciado não só por outros indivíduos, como também pelos contextos onde ele se encontra inserido sendo que o próprio individuo tem influência sobre os contextos onde opera (Bronfenbrenner, 1977; 1996). No entanto o ambiente ou contexto não deve ser tido em conta como um todo, mas sim como uma organização de estruturas contidas umas nas outras, que interferem entre si e afectam em conjunto o desenvolvimento do individuo (Bronfenbrenner, 1996). As diferentes estruturas são denominadas pelo autor de macrosistema, exossistema, mesossistema e por fim de microsistema.

O macrosistema diz respeito ao ambiente no qual estão contidos todos os outros sistemas, referindo-se às sociedades e comunidades onde se insere o indivíduo, no qual lhe é transmitida a sua cultura. O exossistema diz respeito ao ambiente no qual o indivíduo (ou criança) não participa activamente, mas que pode influenciar de forma indirecta a vida da criança, como seja o trabalho dos pais e os amigos destes. O mesossistema remete para um conjunto de ambientes mais restritos onde a criança se encontra inserida, como a vizinhança a escola, os grupos de amigos, entre outros. O microsistema são os ambientes nos quais a criança tem interacções, directas como a escola e a família (Bronfenbrenner, 1996).

A família enquanto microsistema, é tida pela criança como fonte de afecto, bem-estar, apoio, segurança e protecção. É neste contexto que a criança cresce e vai ganhando o seu papel dentro da mesma, experiencia novos sentimentos e actividades, bem como experimenta novas situações a toda a hora. É ainda dentro do contexto familiar que esta adquire a noção de permanência e de estabilidade. A noção de permanência está ligada ao facto de a criança perceber que as figuras centrais da família são estáveis e se mantêm organizados através da rotina diária; a noção de estabilidade diz respeito à sensação de segurança transmitida aos filhos pelos pais, de não existir qualquer rompimento na sua relação mesmo em situações de stress (De Antoni, Medeiros, Hoppe & Koller, 1999).

Ao analisar uma família é necessário ter conta dois factores importantes como a estrutura e a dinâmica. A estrutura diz respeito à organização social da família, podendo existir três tipos de famílias: a família nuclear, a família alargada e a família monoparental. A família nuclear é constituída pelos pais e respectivos filhos do casal; a família alargada é constituída pelo casal, os seus filhos e ainda outros elementos como avós e primos; por fim, a família monoparental é constituída por um dos pais e pelos seus filhos (Cole *et al.*, 2005).

No que respeita à dinâmica familiar, esta diz respeito à relação existente entre os pais e os filhos, e pretende avaliar o nível de desenvolvimento cognitivo e socio-emocional dos elementos familiares. Esta pode ser avaliada através das interacções familiares nomeadamente através dos estilos parentais (Benetti & Balbinotti, 2003; Cole *et al.*, 2005).

## 2 - Práticas Educativas

Ao abordar o conceito de família e de contexto familiar, torna-se imperativo falar de estilos educativos e de práticas parentais.

Ao longo dos anos, muitos estudos têm sido realizados sobre a forma como os pais e os filhos se relacionam no que respeita às questões de poder, hierarquia e apoio emocional. Os seus resultados demonstram que estas têm influência em diversas áreas do desenvolvimento psicossocial do adolescente, como seja no seu ajustamento social, no seu desempenho escolar, e ao nível da psicopatologia (ex: Dornbusch, Ritter, Liederman, Roberts & Fraleigh, 1987; Glasgow, Dornbusch, Troyer, Steinberg & Ritter, 1997; Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbush, 1991; Maccoby & Martin, 1983; McIntyre & Dusek, 1995; Slicker, 1998; Steinberg, Elmen & Mounts, 1989; Weiss & Schwarz, 1996; cit por Costa, Teixeira & Gomes, 2000).

Estudos realizados na área da psicologia ao longo dos últimos anos revelam que as práticas educativas e a interacção parental assumem cada vez mais importância para o bom desenvolvimento da criança e do adolescente (Baumrind, 1966; 1997; Darling & Steinberg, 1993; Maccoby & Martin, 1983).

O conceito de práticas educativas parentais surge em 1994 com Hoffman (1994), que refere que as práticas educativas parentais dizem respeito a situações quotidianas específicas da interacção entre pais e filhos, em que os pais usam estratégias para educarem os seus filhos. Estas práticas expressam-se nas interacções típicas entre pais e filhos que se destinam à socialização da criança, ou por outro lado, ao controlo disciplinar. As práticas educativas podem então caracterizar-se por comportamentos do tipo indutivo ou coercivo (Hoffman, 1994).

As práticas do tipo indutivo remetem para o apoio emocional e afecto na relação pai/filho. Neste sentido, pais que centram as suas práticas em comportamentos não coercivos, utilizando o afecto e o reforço positivo, vão consequentemente contribuir para o aumento da auto-estima da criança e para os comportamentos socialmente desejados (Severe, 2000; cit por Salvador & Weber, 2005).

Por sua vez as práticas do tipo coercivo estão associadas à punição física e verbal, bem como à privação. Este tipo de ambiente tem consequências no desenvolvimento da criança, especificamente ao nível do comportamento, podendo desencadear perturbações como hiperactividade, agressividade, inseguranças e medo (Salvador & Weber, 2005).

As práticas educativas referem-se também às estratégias utilizadas pelos pais para atingirem objectivos específicos em diferentes domínios (académico, social, afectivo) sob determinadas circunstâncias e contextos (Hart, Nelson, Robinson, Olsen & McNeilly-Choque, 1998). O uso de explicações, de punições ou de recompensas constitui exemplo dessas práticas.

As práticas educativas bem como o comportamento parental, têm vindo a ser objecto de estudo há várias décadas por representarem uma peça fundamental no desenvolvimento e no processo de socialização das crianças (Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington & Bornstein, 2000). Estudos realizados neste âmbito com uma abordagem unidireccional (determinação de factores que condicionam o modo como os pais educam os filhos), verificaram que as respostas e os resultados apresentados pelas crianças, eram considerados como sendo moldadas pelos seus pais, ou seja, os filhos respondiam em função das influências que tinham dos seus pais. (Collins et al., 2000).

Actualmente são tidos em conta todos os processos envolvidos na socialização, sendo que se considera que as interacções entre pais e filhos assumem um carácter bidireccional (Macoby, 2003). Factores de ordem cultural e social devem igualmente ser tidos em conta quando falamos de práticas educativas, uma vez que estas podem ter influência indirecta no desenvolvimento da criança, sendo que o comportamento dos pais pode sofrer alterações mediante a presença de factores de risco – como a pobreza – ou por outras circunstâncias contextuais representantes da cultura e/ou sociedade em que estes se encontram inseridos (Collins *et al.*, 2000).

Segundo Benetti e Balbinoti (2003), não é possível fazer uma dissociação entre as práticas educativas adoptadas e as regras e normas culturais dos contextos em que as famílias se inserem. Assim, os valores e os objectivos educacionais transmitidos às crianças têm uma base cultural.

As práticas parentais enquadram-se em padrões ou estilos parentais pelo que podem ser classificados de duas formas: as práticas positivas e as práticas negativas. As primeiras têm por base a monitorização positiva, tendo os pais conhecimento das rotinas, actividades e comportamentos dos seus filhos. Os pais estabelecem regras e limites sem se tornarem intrusivos ou invasivos na privacidade dos filhos, e demonstram afecto e amor em diversas situações, nomeadamente quando os filhos se podem sentir mais vulneráveis (Gomide, 2009; Sampaio & Gomide, 2007). Esta prática permite aos pais e aos filhos criarem uma relação de confiança o que poderá prevenir posteriores comportamentos de risco durante a adolescência (Gomes, 2009; Gomide, 2009).

Uma outra prática parental positiva é o comportamento moral, no qual os pais explicam aos seus filhos os comportamentos desejados e os comportamentos indesejados. Desta forma a criança aprende quais os comportamentos a ter num relacionamento, e como deve interagir com os outros (Gomide, 2009; Sampaio & Gomide, 2007). Por sua vez os pais através dos seus comportamentos e atitudes face a temas como a honestidade, a responsabilidade e a generosidade, vão modelar o comportamento e as atitudes dos seus filhos que os terão como exemplo (Gomes, 2009; Gomide, 2007; Sampaio & Gomide, 2007).

No que respeita às práticas parentais negativas, estas utilizam por sua vez o controlo psicológico que vai gerar dependência emocional da criança (Gomes, 2009). Os pais ao tentarem controlar e inibir os comportamentos de autonomia e de independência da criança, vão promover comportamentos de insegurança e de inadequação aos seus filhos (Gomes, 2009). A monitorização negativa é uma outra prática parental negativa que consiste no controlo e na utilização excessiva de regras e de limites muitas vezes incompreendidos pelas crianças. Este controlo tem consequência no que respeita à relação entre pais e filhos, onde os diálogos são inibidos (Gomide, 2009; Sampaio & Gomide, 2007). Salienta-se também a disciplina inconsistente, sendo que esta refere-se à utilização de punições em função do estado de humor dos pais e não ao comportamento dos filhos, ou seja, a criança é punida independentemente de ter um comportamento adequado ou inadequado. Desta forma as crianças não entendem quais os comportamentos certos ou errados que devem adoptar ou evitar face às diferentes situações, aprendendo apenas a identificar o estado de humor dos seus pais de forma a evitar punições (Gomide, 2009; Sampaio & Gomide, 2007). A

falta de disciplina demonstra por um lado a incapacidade dos pais em fazer cumprir as regras que estabelecem, e por outro lado, o incumprimento das regras estabelecidas pelos educadores. Os pais ao não exercerem o controlo necessário sobre o comportamento dos seus filhos, não conseguem punir os comportamentos indesejados, o que leva a que as crianças não aprendam quais os padrões normativos (Gomide, 2009; Sampaio & Gomide, 2007).

### 3 - Estilos Parentais

A literatura sobre as práticas parentais permite identificar duas dimensões distintas na interacção entre pais e filhos: as práticas educativas já anteriormente referidas, e os estilos parentais.

O estilo parental refere-se então ao padrão global de características da interacção dos pais com os seus filhos em diversas situações que geram um clima emocional (Darling & Steinberg, 1993). A expressão do comportamento parental pode apresentar afectividade, responsividade e autoridade. Em 1983, Maccoby e Martin analisaram os estilos parentais com base em dois conceitos: a responsividade e a exigência. A dimensão da exigência diz respeito ao controlo de comportamentos e à imposição de regras e limites no comportamento, incluindo todo e qualquer comportamento por parte dos pais que remetem para o controlo dos filhos. A responsividade por sua vez remete para a sincronia do comportamento entre os pais e os filhos, e está ligada à capacidade dos pais em darem resposta às necessidades dos filhos (Darling & Steinberg, 1993), bem como com a compreensão e o apoio emocional dos pais, que favorecem o desenvolvimento de uma boa relação de afectividade entre eles e os filhos, e uma maior autonomia e auto-estima aos filhos, (Costa, Teixeira & Gomes, 2000).

Estas dimensões acima descritas são utilizadas na descrição dos estilos parentais, sendo que os pais do estilo democrático são percebidos com altos níveis de exigência e de responsividade; os pais com estilo autoritário apresentam altos níveis de exigência e baixos níveis de responsividade; o estilo permissivo é percebido com baixos níveis de exigência e altos níveis de responsividade; e por ultimo, o estilo

negligente, apresenta baixos níveis em ambas as dimensões (Costa, Teixeira & Gomes, 2000).

Os primeiros estudos desenvolvidos sobre os estilos parentais surgiram nos anos 60 com Diana Baumrind (1965; 1966; 1968). Os seus estudos realizados com o intuito de avaliar o impacto das práticas parentais nas mais variadas áreas da vida do indivíduo, deram origem à formulação de três estilos parentais – o autoritário o democrático e o permissivo – acreditando-se que estes tinham um grande impacto no processo de desenvolvimento das crianças (Baumrind, 1965; 1966; 1968).

O estilo autoritário é caracterizado pelo controlo e modelação, de forma rígida, das atitudes da criança. Os pais autoritários valorizam a obediência absoluta recorrendo a punições (quer físicas quer verbais) para que esta se comporte de acordo com as suas exigências. Usam frequentemente a crítica e a ameaça, existindo escassas demonstrações de afecto (Baumrind, 1966; 1968).

Em relação ao estilo democrático, este por sua vez encontra o equilíbrio entre os dois estilos anteriormente referidos, existindo regras, normas e limites definidos, bem como uma comunicação positiva e optimista. Os pais tentam adequar a sua atitude à especificidade da criança, tendo em conta a sua idade e maturidade. A afectividade está muito presente e as necessidades da criança são sempre tidas em conta (Baumrind, 1966; 1968).

Já o estilo permissivo caracteriza-se essencialmente pela ausência de regras e de limites. Os pais funcionam como recursos para os desejos das crianças e não como modelos, e tal como foi referido, há uma total ausência de normas, não encorajando qualquer tipo de obediência. No entanto o afecto encontra-se presente, bem como um estilo de comunicação positiva, mas sem exigências de maturidade (Baumrind, 1966; 1968).

Existem inúmeros estudos realizados com base nos estilos parentais. No que respeita às variáveis demográficas e de género, os estudos apontam para o facto de estas variáveis apresentarem diferentes resultados uma vez que as mães e os pais apresentam diferenças no seu processo de socialização, sendo que o seu papel enquanto pais também é diferente (Murphy, 1992, cit. por Cruz, 2005). Walker (1999), defende igualmente esta ideia, uma vez que cada progenitor tem o seu próprio estilo na relação

progenitor-filho. De um modo geral, as mães investem mais e são mais envolventes na sua relação com os filhos do que os pais.

Com base na perspectiva dos sistemas familiares, o estilo parental apresentado pelo pai e pela mãe é conceptualizado como interdependente. É a relação entre o pai e a mãe que vai proporcionar um importante contributo para o desenvolvimento e funcionamento dos filhos (Block, Block & Morrison, 1981; Lindsey & Mize, 2001); mais importantes ainda do que as contribuições individuais dos estilos parentais dos pais, é a concordância entre os estilos parentais dos progenitores, daí estes serem tão importantes para o desenvolvimento das crianças. No entanto, no que toca à percepção dos estilos parentais nos pais e nas mães, existem algumas diferenças, quer através do parecer do próprio cônjuge, quer através do parecer dos próprios filhos.

Os estudos apresentados nesta área pretendem essencialmente categorizar os estilos adoptados pelos progenitores. Os resultados obtidos demonstram que os pais adoptam práticas parentais mais concordantes com o estilo parental autoritário, especialmente no que respeita à utilização de práticas disciplinares, e as mães por sua vez, apresentam práticas parentais concordantes com o estilo democrático ou permissivo (Winsler, *et al.* 2005).

Inúmeros estudos assumem que a dinâmica familiar bem como os estilos parentais têm influência no desenvolvimento psicossocial e na capacidade de adaptação da criança e do adolescente. Baumerind (1971), associava o estilo parental democrático à maturidade social, responsabilidade e sucesso académico em crianças e adolescentes. Em 2001, Adalbjarnardottir e Hafsteinsson defendem que os jovens que caracterizam os seus pais como democráticos estão mais protegidos no que respeita ao uso de substâncias ilícitas e com menos propensão à depressão. De acordo com Burbach e Borduin (1986), os adultos depressivos lembram os seus pais como sendo autoritários. Já Milevsky, Schlechter, Netter e Keehn`s (2007), referem que o estilo democrático está positivamente relacionado com boa alta auto-estima, satisfação com a vida e baixos níveis de depressão.

Um estudo realizado por McGillicuddy-De Lisi e De Lisi (2007), refere que as crianças classificam as suas relações familiares como positivas quando os pais são percebidos como democráticos, e negativas quando estes são tidos como

autoritários. Turkel e Tezer (2008), defendem que adolescentes com pais democráticos apresentam uma maior desenvoltura, comparativamente com adolescentes com pais autoritários. McFarlane, Bellissimo e Norman (1995), identificaram os estilos parentais como sendo um importante determinante do funcionamento familiar e do bem-estar dos adolescentes.

Segundo um estudo realizado por Weber e seus colaboradores (2004), com o intuito de explorar os estilos parentais entre as famílias brasileiras, verificou-se que a percepção entre pais e filhos acerca do estilo parental divergia, uma vez que os pais se percepcionavam mais responsivos e exigentes do que os filhos percepcionavam os pais. Neste estudo participaram 239 crianças entre os 9 e os 12 anos de idade e os seus respectivos pais, sendo os pais categorizados em quatro estilos parentais: autoritário, permissivo, democrático ou autoritativo e negligente. O instrumento utilizado foi uma escala de estilos parentais para adolescentes, adaptada à população brasileira por Costa e seus colaboradores (2000), com base na escala original de Lamborn e colaboradores (1991). Os resultados revelaram que existem diferenças na percepção dos estilos parentais entre rapazes e raparigas, sendo que as raparigas percepcionam os pais como mais exigentes dos que os rapazes (Weber et al., 2004).

Um outro estudo realizado por Costa e colaboradores (2000), revelou que os filhos do sexo feminino apresentavam diferenças nas percepções relativamente aos estilos parentais em comparação com os filhos do sexo masculino. As filhas percepcionavam ambos os pais como mais responsivos e exigentes do que os filhos. Este estudo foi igualmente realizado no Brasil com o objectivo de adaptar e validar escalas de estilos parentais para a população brasileira, tendo por base a escala original de Lamborn (1991). Neste estudo participaram 378 adolescentes de ambos os sexos. O instrumento utilizado foi a escala já mencionada, que permitia avaliar a dimensão de responsividade, e a dimensão de exigência. Os resultados obtidos apontam para que a valorização do género possa ser um factor a ter em conta em relação à percepção dos estilos parentais.

#### 4 – Práticas Parentais: Influência do Género dos Pais

O género é um preditor de comportamento. As interacções entre pais e filhos são influenciadas não só pelo factor parentalidade, mas também pelo papel social que está inerente ao género de cada progenitor. Da mesma forma, o comportamento da criança é influenciado não só pelas suas características pessoais, como também pelo papel social atribuído ao seu género, papel esse que é difundido pelos seus pais e por outros membros significativos dos seus contextos (Maccoby, 2003).

Pais e mães tendem a adoptar comportamentos em função do seu género, como na oferta de brinquedos (aos meninos são oferecidos camiões e carros, e às meninas bonecas e utensílios de cozinha), bem como no tipo de comportamentos. Estes comportamentos reproduzem os papéis sociais ligados ao género que por sua vez influenciam o comportamento das crianças (Maccoby, 2003).

Os papéis sociais e parentais estão igualmente condicionados pelo género. Em geral as mães encontram-se mais frequentemente envolvidas na vida quotidiana das crianças do que os pais, sendo este envolvimento superior em crianças de mais novas (Maccoby, 2003). As mães dialogam mais frequentemente do que os pais com as crianças independentemente do género, e fazem uma maior adaptação do seu discurso para o nível de compreensão da criança. Ambos os pais interagem durante mais tempo com os filhos do mesmo sexo, embora as mães saibam mais sobre o quotidiano dos filhos de ambos os sexos. No entanto, as mães têm um maior conhecimento sobre as filhas sabendo mais sobre os gostos pessoais destas, da mesma forma que os pais têm mais conhecimento e informação sobre os gostos dos seus filhos (Maccoby, 2003).

Actualmente, há cada vez mais famílias que assumem novos modelos e novas estruturas. Como tal, os papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens têm sofrido alterações ao longo das últimas décadas, sendo a entrada das mulheres para o mercado do trabalho um factor central destas alterações ligadas à parentalidade (Balancho, 2004). Em 2004, Balancho ao abordar a cultura Portuguesa fez uma comparação entre duas gerações de pais: a primeira geração nascida na década de 20 e 30 (séc. XX), e a segunda geração nascida nas décadas de 50 e 60 (séc. XX), relativamente às suas percepções e experiencias de parentalidade (todos pertencentes a um nível

socioeconómico médio alto). Os resultados demonstraram que existiu uma mudança, ainda que pouco acentuada, face ao papel do pai nas décadas mais recentes, verificando-se assim uma maior responsabilização por parte deste quanto ao seu papel nos cuidados diários a ter com a criança, um maior envolvimento a nível temporal (dedicam mais tempo do seu dia-a-dia aos filhos), nas interações com a criança, bem como, um envolvimento superior em novos tipos de tarefas educativas. Esta mudança de percepção sobre o papel do pai, reflecte assim uma figura mais sensível, compreensiva, afectiva e presente no desenvolvimento dos filhos (Balacho, 2004).

Embora o papel social associado à figura paterna esteja a mudar, Winsler, Madigan e Aquilino (2005), referem que as práticas educativas maternas encontram-se mais associadas ao estilo parental democrático e o papel dos pais mais associado ao estilo autoritário, uma vez que a sua interação com os filhos está mais ligado ao exercício da disciplina.

Winsler e seus colaboradores (2005), realizaram um estudo com o intuito de compreender o grau de concordância entre estilos parentais de ambos os pais e o modo como os sujeitos percepcionavam o seu próprio estilo parental e o do seu parceiro. A amostra do estudo era constituída por mães e pais de vinte e oito crianças em idade pré-escolar. Os resultados deste estudo demonstram que as famílias estudadas apresentavam baixa concordância entre os estilos parentais das mães e dos pais, embora o que tenha apresentado maior concordância tenha sido o estilo permissivo. Os autores explicam os seus resultados pelo facto de cada um dos pais poder procurar no outro, um estilo diferente do seu, de modo a contrabalançar as estratégias educativas dos dois (Winsler et al., 2005).

## 5- Práticas Parentais: Influência do Género dos Filhos

Segundo Sampaio (2007), o género da criança pode influenciar o comportamento parental, embora nem sempre se encontre significância entre estas duas variáveis. Existem alguns factores que podem promover diferenças nas práticas parentais face ao género, como o tipo de relação que os meninos e as meninas estabelecem como os seus

pais e mães, a identidade, em que os filhos se identificam mais com o parente do mesmo género, e por último, as expectativas que os próprios pais têm face ao género do seu bebé e a comunicação que se estabelece entre ambos (Sampaio, 2007).

Num estudo realizado por Sturge-Apple, Davies e Cumming (2004), os autores procuraram compreender de que forma o género pode ou não ter influência no tipo de práticas parentais adoptadas pelos pais. Estes partiram assim de três hipóteses teóricas: a primeira – hipótese do género dos pais – postula que a existência de discórdias entre o casal pode ter impacto mais negativo nas práticas parentais dos pais do que nas práticas das mães, uma vez que o papel de educar e as respectivas práticas educativas estão socialmente atribuídos à mãe, sendo que o papel do pai na educação não está bem definido, bem como não estão claramente definidas as suas práticas parentais. Como segunda hipótese – género das crianças – os autores afirmam que as famílias cujas crianças são do sexo masculino terão mais probabilidades de apresentarem dificuldades parentais, uma vez que estas estão mais expostas à hostilidade e à prática de disciplinas coercivas, do que as crianças do sexo feminino. Por fim a terceira hipótese – género das crianças e dos pais – aponta para o facto das dificuldades parentais poderem ser influenciadas por combinações opostas (pais/filhas e mães/filhos) entre o género dos pais e dos filhos.

Ao analisar a variação com base em três características parentais – responsividade, punição e controlo psicológico – em função do género dos pais e dos filhos, os autores encontraram resultados que suportam a hipótese do género da criança (hipótese 2), um factor de moderação nas dificuldades parentais sentidas e nas alterações das características parentais. O estudo revelou assim que em famílias com crianças do género masculino, verifica-se que a discórdia entre o casal provoca uma diminuição na responsividade dos pais e um aumento do controlo psicológico. Não foram encontrados resultados significativos face às outras hipóteses igualmente apresentadas neste estudo (Sturge-Apple, Davies & Cumming, 2004).

Um estudo realizado por Roskam e Meunier, (2009), com 101 famílias nucleares (pai, mãe e dois filhos), pretende compreender de que modo três conceitos parentais – os estilos parentais, a consistência da cooperação entre ambos os pais e o tratamento diferenciado face aos filhos – se relacionam com um conjunto de variáveis como o género das crianças. Para avaliar os três conceitos, os autores utilizaram a escala de

Avaliação das Práticas Educativas Parentais (adaptada pelos autores para a população francesa), que apresenta nove factores: suporte, monotorização, disciplina, disciplina inconsistente, regras, punição severa, ignorar os comportamentos, recompensas materiais e autonomia. Os resultados obtidos demonstram que o género das crianças foi preditor do factor disciplina, que provou ser superior nas mães face às crianças do sexo masculino do que às crianças do sexo feminino.

Um outro estudo realizado por Weber, Prado, Viezzer e Brandenbrg (2004), em que foram usadas duas escalas – de responsividade e de exigência parental – para identificar os estilos parentais e a sua relação com o género dos filhos, foram encontrados resultados que apontam para uma igualdade na responsividade em ambos os pais face às crianças, independentemente do seu género. No entanto, verificou-se um maior grau de exigência em ambos os pais em relação às filhas por comparação ao grau de exigência manifestado face aos filhos. As diferenças obtidas neste estudo não foram significativas e deste modo não foi possível verificar uma influência do género nas práticas parentais (Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

Rouyer e seus colaboradores (2007), realizaram um estudo com um grupo de 147 pais (de crianças com 18 meses de idade) para compreender de que modo o género das crianças influenciava o envolvimento dos pais na sua experiência de paternidade, na sua participação em tarefas domésticas e parentais, e nas suas representações sobre o papel dos pais e das mães na educação de rapazes e de raparigas. Os resultados do estudo revelaram que, apesar dos pais afirmarem que o género das crianças não influencia a sua relação com elas, os seus comportamentos parentais apresentava diferenças em relação ao sexo das crianças. Os pais das crianças do sexo masculino revelam maior investimento nas actividades de prestação de cuidados do que os pais das crianças do sexo feminino, embora as mães sejam tidas como as principais responsáveis pela maioria das práticas diárias no cuidado das crianças. Cerca de metade dos pais considerou que as diferenças inerentes ao género das crianças deviam ser consideradas na sua educação. Considerando a educação das crianças, 20% dos pais de raparigas necessitavam de serem mais protegidas do que os rapazes (Rouyer et al., 2007).

## 6– Percepção de Competências Parentais

Segundo Garcia e Sanchez, (2005), a forma como cada elemento da família se percebe a si mesmo e de como percebe os restantes membros, tem sido pouco estudado. No entanto, a influência que os agentes educativos têm sobre a forma como as crianças se auto-percebem é consensual nas investigações.

No modelo de Secunda (1992), a forma como os filhos percebem os pais pode dividir-se em cinco estilos. 1) Bons pais – são os pais caracterizados como afectivos e interessados; 2) Pais “Apaixonados” – são pais muito envolvidos na vida dos filhos; 3) Pais distantes – pais com baixo nível de comunicação e com comportamentos passivos; 4) Pais Sedutores – pais sexualmente agressivos; 5) Pais Exigentes – com comportamentos intimidatórios, que recorrem a regras rígidas e por vezes à violência física e verbal (cit. por Carranza, Kilmann & Veldmia, 2009).

Carranza e Kilmann (2000), defendem que uma relação positiva e de segurança entre pais e filhos está associada a níveis de auto estima mais elevados por parte da criança, e está igualmente correlacionada com percepções positivas por parte da criança em relação aos seus pais. Em contrapartida, as percepções de carácter negativo por parte dos filhos em relação aos pais, estão associadas a um baixo envolvimento afectivo parental, bem como a um baixo nível de segurança na relação pais/filho.

Também Gilmore e Cuskelly (2008), referem que o sentimento de competência parental está positivamente associado ao desenvolvimento harmonioso dos filhos, estando desta forma associadas as percepções positivas sobre parentalidade por parte dos pais. Quando os pais se sentem confiantes e competentes em relação às suas competências parentais tendem a adoptar práticas educativas e parentais mais adequadas e eficientes.

As características das crianças têm impacto nos sentimentos dos pais e por sua vez na sua percepção de eficácia no que respeita à parentalidade. Segundo Halpen e McLean (1997), mães que percebem os seus filhos como problemáticos apresentam baixos níveis de auto-eficácia em comparação com outras mães, existindo assim uma relação

entre o comportamento dos filhos e o sentimento de eficácia por parte das mães. Assim, quanto mais problemas os filhos apresentam em termos de comportamento, maior o sentimento de ineficácia por parte das mães. Em relação aos pais que possuem baixos níveis de competência, estes tendem a utilizar mais medidas impulsivas como gritar ou bater, como forma de tentar controlar o comportamento dos filhos (Hann, Prinzie & Dekovic, 2009). Desta forma pode dizer-se que o comportamento dos filhos pode actuar como reforço na percepção que os pais têm das suas competências e nas crenças que têm em relação a si próprios (Halpern & McLaen, 1997).

O sentimento de competência parental encontra-se intimamente ligado ao sentimento de auto-eficácia parental (Coleman & Karraker, 2003; cit por Hann *et al.*, 2009). Neste sentido, estudos revelam que mães que têm experiências com crianças ou que têm um segundo filho, revelam uma maior percepção de auto-eficácia devido a essa experiência, do que mães que não têm qualquer tipo de prática com crianças (Froman & Owen, 1990). Também a percepção social que os outros fazem da competência parental, tem impacto na percepção das competências dos próprios pais. Logo, pais que são percebidos como competentes por parte dos outros pais, em relação às suas práticas, apresentam uma maior percepção de auto-eficácia em relação a si próprios. Este facto está no entanto relacionado com a qualidade da relação entre o casal e a qualidade do suporte social que lhe é oferecido (Reece, 1993; Reece & Harkless, 1998).

Foram igualmente encontradas algumas diferenças no sentimento de auto-eficácia parental entre os pais e as mães. As mães tendem a dar mais importância a esta matéria, recorrendo a critérios mais rigorosos na sua auto-avaliação, enquanto os pais tendem a desvalorizar a análise deste sentimento (Reece, 1993; Reece & Harkless, 1998).

Adolescentes com auto-estima elevada percebem os pais como mais flexíveis, menos controladores e exigentes, o que permite supor que o desenvolvimento de um bom auto-conceito se processa num ambiente de aceitação por parte dos pais, o que oferece ao adolescente uma maior autonomia e mais oportunidades para aprender novas competências (Litovsky & Dusek, 1985).

Um estudo intercultural realizado por Scott, Scott e McCabe, em 1991, sobre as relações familiares e a personalidade das crianças, analisou diversas variáveis dependentes (auto-estima, ansiedade, competência interpessoal e hostilidade) e

independentes (práticas educativas parentais). Este estudo concluiu que, em geral, uma boa auto-estima e baixos níveis de ansiedade por parte dos filhos estão relacionados com uma boa harmonia familiar, ao passo que, o excessivo proteccionismo por parte dos pais gera nos filhos baixas competências interpessoais nas relações sociais, bem como o uso excessivo de punições parental gera comportamentos hostis nos filhos.

Segundo Elder (1963), pais que impõem mais limites e que têm expectativas firmes face ao comportamento dos filhos, que orientam as crianças recorrendo à razão e a regras, e que proporcionam um ambiente afectivo equilibrado, têm, habitualmente, filhos mais auto-confiantes e independentes, do que pais mais rígidos e controladores que criam um ambiente afectivo caracterizado pela frieza e distância.

No que respeita à punição física, esta não só afirma o poder dos pais sobre os filhos promovendo o seu desequilíbrio, como prejudica a relação de reciprocidade e afecto entre eles, gerando conseqüentemente, uma confusão de sentimentos e a falta de discernimento entre amor, dor, submissão e ódio (Cecconello, Antoni & Koller, 2003).

Num estudo realizado por Martin e Johnson (1992; cit. por Lordelo, Fonseca, Araújo & Bahia, 2000), foi encontrada uma relação entre crenças maternas sobre o desenvolvimento das crianças e a percepção materna da competência infantil, isto é, mães com mais conhecimentos de teorias sobre o desenvolvimento infantil sobre o processo de aprendizagem, percebem as crianças como mais competentes, sendo que os autores justificam os resultados através da suposição de que mães mais sofisticadas estarão mais atentas às suas crianças.

Do ponto de vista dos filhos, no que respeita à percepção dos adolescentes, o nível percebido de práticas educativas parentais maternas é superior ao das práticas parentais paternas, o que indica uma maior importância do papel materno na educação dos filhos (Teixeira, Oliveira & Wottricha, 2006). Um estudo realizado por Lordelo, Fonseca, Araújo e Bahia (2000), indica que as atitudes em relação à maternidade e à autonomia da criança não variam consoante a idade das mães, mas sim do seu nível de escolaridade. Mães com escolaridade superior apresentam níveis superiores de satisfação com a maternidade e uma maior promoção da autonomia na criança. Por sua vez Gomide e Guimarães (2003; cit. por Sampaio, 2007), demonstram que os filhos do sexo feminino tendem a avaliar os seus pais com maior rigor, face às suas práticas

educativas, do que os filhos do sexo masculino. Outro estudo revela ainda, que tanto os pais como as mães são um pouco mais exigentes com as filhas do que com os filhos, ainda que não se tenham encontrado diferenças significativas no que respeita aos cuidados parentais prestados aos filhos (Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

Soares e Almeida (2011), num estudo que pretendia perceber qual a percepção dos adolescentes portugueses face às práticas educativas dos seus pais, não apresentou diferenças significativas entre o género feminino e o género masculino.

Por seu lado Ducharne e colaboradores (2006), Meeus e colaboradores, (2005) e Soares e Almeida (2011), desenvolveram estudos que indicam que as percepções face aos estilos parentais, variam em função da idade e não do género das crianças e dos adolescentes. No estudo de Soares e Almeida (2011), realizado com adolescentes do 7º e do 9º ano de escolaridade, através de uma análise estatística, os resultados não demonstraram existir diferenças significativas em função do género dos filhos. No entanto, o aprofundamento realizado através de uma análise mais qualitativa, permitiu inferir que as percepções não se mantêm estáveis ao longo do desenvolvimento, uma vez que tendem a variar ao longo da idade das crianças e dos adolescentes.

### **III-PROBLEMÁTICA, OBJECTIVOS E HIPOTÉSES**

#### **1 – Problemática do Estudo**

Tendo em conta a influência directa do contexto familiar no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, a compreensão dos estilos parentais e da adopção de práticas parentais torna-se necessária para estudar a dinâmica familiar através da análise de como os pais e as crianças percebem a natureza das suas interações (Brofenbrenner, 1994; Cole et al., 2005).

Segundo Gomide (2009) os pais “escolhem” as práticas parentais em função das metas educativas que estes traçam para os seus filhos. Esta escolha será no entanto influenciada por diversos factores como o contexto cultural e social (Cole et al., 2005; Mistry et al., 2002; Pinderhughes et al., 2000), e o nível de escolaridade (Bem & Wagner, 2006; Roskam & Meunier, 2009). Um outro factor que influencia a escolha das práticas adoptadas pelos pais passa pelo género dos mesmos e dos próprios filhos (Maccoby, 2003; Roskam e Meunier, 2009; Rouyer, et al. 2007; Sturge-Apple et al., 2004; Winsler et al., 2005). As práticas parentais actuam sobre um conjunto de comportamentos das crianças visando a sua integração na sociedade. As práticas parentais assumem assim um papel regulador desses mesmos comportamentos (Cocconello et al., 2003; Hoffman, 1975; Lopez, Schneider & Dula, 2002).

A relevância dos estudos apresentados prende-se com o facto de os estilos parentais serem determinantes na vida e no desenvolvimento dos filhos. Os estilos parentais podem ser importantes preditores do comportamento ao longo do crescimento dos filhos até a idade adulta, e futuramente enquanto pais.

#### **2 – Pertinência do Estudo**

Ao longo do enquadramento teórico apresentado no presente estudo, percebemos que a grande maioria dos estudos realizados no âmbito das práticas e dos estilos parentais têm como amostra os adolescentes. Neste sentido torna-se pertinente perceber

se crianças mais jovens percebem os mesmos estilos parentais que os adolescentes, de forma a compreender se a idade se apresenta como uma variável influente na percepção dos estilos parentais.

### 3 – Objectivos do Estudo

Tendo em conta a importância das práticas parentais no desenvolvimento dos filhos, os objectivos desta investigação consistem em:

- 1) Comparar as percepções dos estilos parentais entre os pais e os seus respectivos filhos;
- 2) Comparar se existem diferenças entre as percepções dos filhos atendendo ao género destes.

### 4 – Questões de Investigação e Hipóteses do Estudo

As hipóteses apresentadas neste estudo, remetem para a existência de diferentes percepções entre pais e filhos em relação ao estilo parental familiar adoptado no seu seio, bem como para a existência de diferenças nas percepções por parte dos filhos de sexo feminino e do sexo masculino.

Questão 1: Será que existem diferenças nas percepções de estilos parentais entre pais e filhos?

Hipótese 1: Pais e filhos têm diferentes percepções face ao estilo parental.

Questão 2: Será que existem diferenças de percepção de estilos parentais, entre filhos do sexo feminino e filhos do sexo masculino?

Hipótese 2: Filhos do sexo feminino e do sexo masculino têm diferentes percepções face ao estilo parental.

## IV-MÉTODO

### 1 – Tipo de Estudo

Trata-se de um estudo comparativo em que por um lado se vão comparar as percepções de pais e filhos no que respeita ao estilo educativo dos pais e por outro, se vão comparar as percepções os filhos em função do género.

### 2 – Participantes

Participaram neste estudo 46 alunos que frequentavam uma escola de 1º ciclo situada no distrito de Lisboa e respectivos encarregados de educação.

Todos os alunos tinham idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos de idade e encontravam-se a frequentar o 4º ano de escolaridade, distribuídos por 4 turmas. Neste estudo não foram tidos em conta o número de reprovações dos alunos mas apenas a idade dos mesmos. Em relação aos pais dos alunos, não existiram limites de idade para a participação no presente estudo, bem como qualquer requisito no que respeita às habilitações literárias ou estatuto sócio-económico.

Apresenta-se na tabela 1 as médias de idades e desvios-padrão dos pais e filhos e a incidências do género masculino e feminino em relação aos pais e aos filhos.

Tabela 1

*Médias e desvios-padrão das idades dos pais e dos filhos, e taxas de incidência do sexo masculino e do sexo feminino em relação aos pais e aos filhos*

	Género Masculino	Género Feminino	Média de Idades	Desvio-Padrão
Pais	8	38	40,13	6,86
Filhos	21	25	9,21	0,42

Através da tabela 1 é possível constatar que a incidência de encarregados de educação é superior no sexo feminino, existindo essa mesma diferença, embora não tão acentuada, quanto ao género dos filhos.

### 3 – Instrumento

No que respeita aos instrumentos utilizados para o presente estudo recorreu-se a duas escalas: uma para avaliar os estilos parentais percebidos pelos pais, e outra para avaliar o estilo parental percebido pelos filhos.

O primeiro instrumento é a versão Portuguesa do questionário de Estilos Parentais- Versão Reduzida da escala original de Parenting Styles and Dimensions Questionnaire, criada por Robinson, Mandleco, Olsen e Hart, (2001). A escala é constituída por 32 itens, e os sujeitos indicam a frequência dos comportamentos efectuados, utilizando para o efeito uma escala tipo Lickert de 5 pontos (1 = nunca; 5 = sempre). Nela encontram-se representados os estilos parentais democrático, autoritário e permissivo, sendo todos eles apresentados em subescalas. O estilo democrático é constituído por 15 itens no total, distribuídos pelas várias subescalas que remetem para o apoio e afecto, regulação e cedência de autonomia/ participação democrática. A subescala que remete para o apoio e afecto é constituída por 5 itens (itens 1, 7, 12, 14,

27), a subescala que remete para a regulação tem igualmente 5 itens (5, 11, 25, 29, 31), a subescala da autonomia é constituída por 5 itens (3, 9, 18, 21, 22).

O estilo autoritário inclui dimensões como coerção física, hostilidade verbal e punição. A subescala coerção física é constituída por 4 itens (2, 6, 19, 32), a hostilidade verbal também por 4 itens (13, 16, 23, 30) e por fim a subescala punição constituída por 4 itens (4, 10, 26, 28).

Em relação ao estilo permissivo, este apenas apresenta uma dimensão: de indulgência, que é composta por 5 itens (8, 15, 17, 20, 24).

O método de adaptação da escala original para a versão reduzida do PSDQ iniciou-se com a tradução do inglês para o português de acordo com o método *translate* (Hill & Hill, 2000).

O objectivo da tradução era manter-se o mais próximo possível do original e ao mesmo tempo respeita-se a gramática e a sintaxe da língua portuguesa. O processo desenrolou-se em três etapas: a primeira consistia na tradução simples e clara de forma a garantir o sentido original dos itens e de fácil compreensão (Moreira, 2004). A segunda etapa consistiu na retroversão do questionário por um investigador independente com conhecimentos profundos em língua inglesa. Por fim comparou-se as duas versões resultantes das etapas anteriores por forma a fazer os ajustes necessários, facto que não foi necessário uma vez que não foram detectadas inconsistências e incompatibilidades entre as duas versões. Mantiveram-se todos os itens, dando assim origem á versão reduzida do PSDQ.

Tendo como objectivo avaliar as qualidades psicométricas do QEDP- versão portuguesa reduzida, procedeu-se à análise de consistência interna das suas principais dimensões, mediante o cálculo do coeficiente alfa de Cronbach. A avaliação realizada revela uma boa consistência interna para duas das dimensões, no caso específico a dimensão democrática e dimensão autoritária, ambas com valor de 0,82. O estilo permissivo é o menos consistente dos três com um alfa de 0,63. Estes resultados podem decorrer do reduzido número de itens desta dimensão (Miguel, I., Valentim, J., & Carugati, F. 2009).

Sendo este um estudo que vai comparar as percepções entre pais e filhos, torna-se necessária a utilização de um segundo instrumento adaptado aos filhos. Para tal utilizámos a mesma escala de estilos parentais anteriormente apresentada, com as devidas alterações necessárias.

Para que uma escala seja adaptada e validada é necessário que esta passe por um processo de aferição. Sendo esta uma escala já construída em português, não foi necessário recorrer a qualquer tipo de tradução. No entanto, precisou de ser adaptada ao nível da linguagem, para que fosse acessível e perceptível às crianças.

Inicialmente a escala foi avaliada por peritos no sentido de se verificar a validação de conteúdos, seguida da aplicação da mesma, a um pequeno grupo de crianças, de forma a perceber se estas entendem todos os itens descritos na mesma, verificando assim a validade facial. Numa terceira fase realizou-se a aplicação de um 1º e 2º pré-teste, através dos quais se pretende avaliar a sensibilidade, validade e fidedignidade do mesmo, para no final ser realizada uma replicação dos mesmo a diversos grupos.

Após a aplicação destes instrumentos, procedeu-se à avaliação da consistência interna de cada uma das dimensões tanto para o questionário dos pais como para o questionário aplicado aos filhos, a fim de validar os instrumentos, permitindo assim perceber se cada uma das dimensões avalia efectivamente cada uma das dimensões. Em relação aos resultados para a dimensão do estilo autoritário, obteve-se um alfa de Cronbach, de 0,80 para o questionário dos pais e 0,84 para o questionário dos filhos. Estes valores revelam assim que esta dimensão apresenta uma boa consistência interna. No que respeita à dimensão democrática o alfa de Cronbach obtido para o questionário dos pais e dos filhos foi de 0,77 e 0,75 respectivamente, sendo que estes valores mais uma vez revelam existir uma boa consistência interna. Por fim para a dimensão permissivo os resultados obtidos foram inferiores a 0,50 tanto para o questionário dos pais como para o questionário dos filhos, o que revela uma baixa consistência interna, pelo que, esta dimensão não será tida em conta nos resultados apresentados posteriormente. Estes resultados poderão ser explicados pelo facto desta dimensão apresentar um baixo número de itens.

#### 4 – Procedimentos de Recolha de Dados

No sentido de explicitar a pertinência do presente estudo, realizou-se uma apresentação dos seus objectivos e conseqüente desenvolvimento a todos os agentes educativos e respectivos pais, uma vez que fazem parte integrante do estudo, na escola básica.

Primeiramente foi contactado o agrupamento de escolas ao qual pertence a escola em questão, Agrupamento Luís de Camões, onde chegamos a fala com a directora que de imediato entrou em contacto com a coordenadora da escola primária.

A directora do agrupamento de escolas ao contactar a escola primária enviou por correio todos os documentos – cartas de autorização aos pais e os questionários dos pais, e deu indicações para que fossem entregues pelos professores e com prazo de entrega de duas semanas.

Os professores receberam as instruções e procederam à entrega dos questionários e autorizações através dos alunos.

Após as necessárias autorizações e esclarecimento de todas as famílias e agentes educativos, os participantes procederam ao preenchimento dos dois instrumentos, já apresentados. Os instrumentos aplicados foram duas escalas para avaliar estilos parentais, existindo assim uma escala para adultos e outra escala para crianças, uma das escalas foi aplicado aos alunos das escolas referidas e a outra escala aos respectivos pais. No caso específico do adulto, a escala foi aplicada ao prestador de cuidados, que se encontra mais presente na vida da criança (mãe ou pai).

A aplicação da escala foi feita em dois momentos, no início da semana foram os alunos pertencentes às turmas A e B e no final dessa mesma semana foram realizados com os alunos das turmas C e D. Esta organização de tempo deveu-se apenas à disponibilidade das professoras de cada turma.

Os alunos foram assim retirados da sala de aula e dirigiram-se para uma outra sala, onde lhes foi explicado previamente o objectivo do estudo e em que consistia,

procedendo posteriormente ao preenchimento dos respectivos questionários. O questionário teve o tempo de aplicação de aproximadamente 30 a 45 minutos.

#### 4.1 - Cronograma

Apresenta-se o cronograma segundo o qual foi realizada a recolha dos dados do presente estudo, a partir da tabela 2.

Tabela 2

*Cronograma da recolha de dados*

Procedimento da Recolha de Dados	Época
Contacto com a escola	Janeiro
Pedido de autorizações aos pais	Fevereiro
Seleção dos participantes	Fevereiro
Realização dos inquéritos aos pais	Fevereiro
Realização dos inquéritos às turmas A e B	Março
Realização dos inquéritos às turmas C e D	Março

#### 5 – Procedimentos de Tratamento de Dados

Em termos de tratamento de dados, no presente estudo recorreu-se a um programa informático de estatística denominado de SPSS – *Statistical Package for Social Sciences* (v 17.0, SPSS inc, Chicago, IL) (SPSS, 2007). Este programa permite, através da análise estatística testar hipóteses colocadas sobre determinadas características numa população desconhecida (Martinez & Ferreira, 2007). Tendo em conta a natureza do presente estudo recorreu-se a uma análise comparativa entre os resultados obtidos pelas

crianças e pelos pais, sendo realizada através de um teste paramétrico T-student, para amostras emparelhadas (pais e filhos) para variáveis quantitativas (scores obtidos nas escalas parentais), que permite compara médias e desvios-padrão, das variáveis em estudo, sendo indicado quando há até dois grupos em análise, e quando existe uma distribuição normal e uma homogeneidade de variâncias. A variável dependente são os estilos parentais contemplados nas escalas (estilo autoritário, estilo democrático) e a variável independente será a percepção dos pais e filhos, uma vez que os estilos vão variar mediante a percepção dos pais e filhos.

## V-ANÁLISE E INTREPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

### 5.1 – Percepção entre Pais e Filhos

Começaremos por analisar os resultados em relação ao estilo democrático. Apresentam-se na tabela 3, as médias e os desvios-padrão obtidos, por pais e filhos relativos ao estilo democrático

Tabela 3

Médias e desvios-padrão dos resultados obtidos para o estilo democrático

	Média	Desvio- Padrão
Pais (n=46)	4,40	0.39
Filhos (n=46)	4,08	0,51

Através da tabela 3 pode-se verificar que as médias obtidas pelos pais são superiores as obtidas pelos filhos. Realizou-se um teste- t para amostras emparelhadas,

tendo como variáveis dependentes os resultados obtidos na dimensão do estilo democrático, por pais e filhos, tendo-se obtido o valor de  $t(45) = 3,62$ ;  $p < 0,001$ , o que nos ilustra claramente a existência de diferenças significativas ao nível da percepção do estilo parental democrático entre pais e filhos. Tal significa que os pais percebem-se como mais democráticos do que os filhos os percebem a eles.

Apresentam-se na tabela 4, as médias e os desvios-padrão obtidos, por pais e filhos relativos ao estilo autoritário.

Tabela 4

Médias e desvios-padrão dos resultados obtidos para o estilo autoritário

	Média	Desvio-Padrão
Pais (n=46)	3,69	0,58
Filhos (n=46)	3,24	0,82

Na tabela acima é possível verificar que os valores das médias dos pais são superiores às médias obtidas pelos filhos. Realizou-se um teste  $t$  para amostras emparelhadas, tendo como variáveis dependentes os resultados obtidos na dimensão do estilo autoritário, por pais e filhos, tendo-se obtido o valor de  $t(45) = 3,17$ ;  $p < 0,01 = 0,003$ . Os resultados demonstram que à semelhança do que acontece com o estilo democrático, existem diferenças significativas entre o grupo de pais e o grupo dos filhos no que respeita à percepção do estilo parental autoritário. Isto é, os pais percebem-se como mais autoritários do que os filhos os percebem a eles.

Os resultados obtidos mostram-nos que tanto para o estilo parental democrático como para o estilo parental autoritário os pais e os filhos apresentam percepções distintas sendo que em ambos os estilos parentais os pais se percebem como mais

autoritários e democráticos o que os filhos os percebem a eles. Tais resultados vão ao encontro da primeira hipótese colocado no presente estudo, em que existe diferenças nas percepções entre pais e filhos quanto ao estilo parental adoptado pelos pais.

## 2- Percepção entre Géneros

Apresentam-se na tabela 5, as médias e os desvios-padrão obtidos, quanto à percepção de estilos parentais entre filhos do sexo feminino e filhos do sexo masculino face ao estilo democrático.

Tabela 5

Percepção dos Filhos em Relação ao Estilo Parental Democrático

Género	Média	Desvio-Padrão
Feminino	4,16	0,44
Masculino	4,00	0,59

Quanto ao estilo parental democrático observa-se através da tabela 5 que os filhos do sexo feminino apresentam valores de média ligeiramente superiores às médias obtidas pelos filhos do sexo masculino. Os resultados obtidos através do teste t para amostras independentes ( $t(44) = 1,08$ ;  $p = 0,291$ ) revelam que não existem diferenças significativas entre géneros no que respeita às percepções de estilo parental democrático.

Apresentam-se na tabela 6, as médias e os desvios-padrão obtidos, quanto à percepção de estilos parentais entre filhos do sexo feminino e filhos do sexo masculino face ao estilo autoritário.

Tabela 6

## Percepção dos Filhos em Relação ao Estilo Parental Autoritário

Género	Média	Desvio-Padrão
Feminino	3,26	0,81
Masculino	3,23	0,85

Quanto ao estilo parental autoritário observa-se através da tabela 6 que os filhos do sexo feminino apresentam uma média superior em relação à média obtida pelos filhos do sexo masculino. Numa análise efectuada com teste *t* para amostras independentes ( $t(44) = 0,1; p=0,914$ ) mostra que não existem diferenças significativas entre os géneros o que comprova que tal como no estilo parental democrático, não existem diferenças no que respeita às percepções dos filhos quanto ao estilo parental.

## **VI - DISCUSSÃO**

O objectivo da presente investigação incidiu na temática dos estilos parentais. Pretendeu-se assim analisar as percepções entre pais e filhos em relação ao estilo parental adoptado pelos pais, e posteriormente, perceber se a variável género dos filhos tem ou não influência sobre essa mesma percepção.

Assim, dos resultados obtidos, pode-se observar que existem diferenças significativas ao nível das percepções do estilos democrático e autoritário entre os pais e os filhos, o que nos permite aferir a primeira hipótese do presente estudo - pais e filhos têm diferentes percepções face ao estilo parental.

Os resultados obtidos vão assim ao encontro com os obtidos no estudo de Weber e colaboradores (2004), que procuraram investigar de que forma os pais educam os filhos tendo por base os estilos parentais, verificado através do nível de concordância na percepção entre os pais e os filhos. Os resultados demonstraram que o estilo democrático é o estilo que melhor se adequa a uma boa educação para os filhos, e que existem discrepâncias na percepção dos estilos parentais entre pais e filhos. Segundo os autores, este último facto pode ser explicado por ocorrer uma certa incompatibilidade de percepções e pensamentos no relacionamento entre os pais e os filhos. Tal significa que a visão que os pais têm sobre os comportamentos deles próprios é diferente da visão que os filhos têm sobre esses mesmos comportamentos. Isto demonstra que a forma como os pais educam os seus filhos e a forma como percebem essa mesma educação, não é

percebido da mesma forma pelos seus filhos (Paulson & Sputa, 1996). Esta possível incompatibilidade de percepções pode ser derivada a uma questão de comunicação em que os pais podem não conseguir “falar a mesma língua” que os seus filhos, acreditando que estes são capazes de compreender os comportamentos e as atitudes tomadas pelos pais como se fossem adultos (Weber *et al.*, 2004). Esta poderá ser uma possível interpretação dos dados por nós obtidos.

Em relação aos resultados obtidos no que respeita às percepções dos filhos tendo em conta o género destes, pode-se observar que os filhos independentemente do género, não apresentam diferentes percepções face ao estilo parental dos pais. Estes resultados não corroboram assim a segunda hipótese do presente estudo - filhos do sexo feminino e do sexo masculino têm diferentes percepções face ao estilo parental.

Ao longo dos últimos anos, os diversos estudos realizados nesta área e sobre esta mesma temática, demonstram que na generalidade dos casos, os resultados mostram-se inconclusivos no que respeita às diferenças entre os géneros dos filhos face às percepções parentais, uma vez que existem estudos que corroboram a hipótese acima referida e outros que por sua vez não a corroboram.

Segundo Costa (2000), as raparigas percebem um maior nível de exigência e de responsividade paternal do que os rapazes, demonstrando igualmente diferenças em função do género. Também Justo (2005), num outro estudo destaca o facto de as raparigas serem mais sensíveis na percepção dos estilos parentais, que os rapazes. Ducharme e seus colaboradores (2006), revelam ainda que os rapazes tendem a perceber os pais como mais permissivos e negligentes ao contrário das raparigas que os consideram como mais democráticos. Por fim, num estudo realizado por Canavarro e Pereira (2007), os resultados obtidos apontam para uma diferença de percepções do estilo parental em função do sexo e da idade da criança.

Existem no entanto estudos como o de Weber e colaboradores (2004), e o de Moreira (2008), em que não apresentam nos seus resultados qualquer diferença significativa em função do género.

Soares e Almeida (2011), num estudo que pretendia perceber qual a percepção dos adolescentes portugueses face às práticas educativas dos seus pais, não apresentou diferenças significativas entre o género feminino e o género masculino.

Por seu lado Ducharme e colaboradores (2006), Meeus e colaboradores, (2005) e Soares e Almeida (2011), desenvolveram estudos que indicam que as percepções face aos estilos parentais, variam em função da idade e não do género das crianças e dos adolescentes. No estudo de Soares e Almeida (2011), realizado com adolescentes do 7º e do 9º ano de escolaridade, através de uma análise estatística, os seus resultados não demonstraram existir diferenças significativas em função do género dos filhos. No entanto, aprofundando através de uma análise mais qualitativa, os resultados obtidos permitiram inferir que as percepções não se mantêm estáveis ao longo do desenvolvimento que tendem a variar ao longo a idade das crianças e dos adolescentes.

## VII - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os anos 30, que investigadores em diversas áreas se preocupam com as questões realizadas com a parentalidade e a educação. Qual a melhor forma de educar? Quais as consequências dessa mesma educação no desenvolvimento das crianças quando educadas por diferentes tipos parentais? (Darling & Steinberg, 1993).

A família enquanto contexto social de referência, assume um papel fundamental e determinante no desenvolvimento cognitivo e psicossocial dos seus elementos (Guimarães, Hochgraf, Brasiliano & Ingberman, 2009).

São vários os estudos realizados com o intuito de analisar o impacto dos estilos parentais no desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes. No entanto, e apesar do grupo de pares assumir uma maior importância na fase da adolescência, a família continua a manter um papel fundamental no desenvolvimento dos jovens (Meeus, et al., 2005; Brown, 2004; Peixoto, 2004).

Os estudos que envolvem os estilos parentais são de grande relevância uma vez que envolvem a família e consequentemente a sociedade. A educação é um elemento fulcral na nossa sociedade, uma vez que faz dos sujeitos aquilo que eles são e serão nos vários contextos em que se vão inserir ao longo da sua vida. Como tal, a educação e as diversas formas de educar são cada vez mais alvo de estudos nas últimas décadas. Assim o estudo de estilos parentais trata o assunto de forma objectiva, uma vez que

investiga um conjunto de comportamentos dos pais que por sua vez cria um ambiente emocional através do qual expressam as suas interacções com os filhos e consequentemente os irão influenciar em diversos campos, como a nível emocional, intelectual e comportamental (Weber *et al.*, 2004).

Tendo em conta a importância desta temática, uma intervenção feita com os pais vai possibilitar uma aplicação directa dos estilos parentais e desta forma capacitá-los com conhecimentos específicos que os poderão ajudar a promover o desenvolvimento e as competências dos seus filhos. Os filhos de hoje serão os pais de amanhã, e como tal, o trabalho desenvolvido no sentido de orientar os pais na educação que transmitem aos seus filhos ser de tamanha importância. Este trabalho de orientação e intervenção na família vai trazer benefícios para a família em vários sentidos como é o caso das melhorias apresentadas pelos pais no que respeita às suas actividades parentais, mas também aumentar a coesão familiar (Reppold *et al.*, 2002).

No que respeita a limitações do presente estudo, refere-se que o mesmo apresenta um reduzido número de participantes, que poderá ter condicionado os resultados no que respeita à segunda hipótese do estudo, em que não se encontraram diferenças significativas tendo em conta o género dos filhos. Outra limitação que se refere prende-se com o facto de não se ter tido em conta outras variáveis tais como o nível socioeconómico e as habilitações literárias dos pais.

Nos que respeita a estudos posteriores poderia ser interessante dar continuação ao presente estudo, transformando-o num estudo longitudinal, em que se voltariam a avaliar as percepções dos filhos face ao estilo parental dos pais, com o objectivo de verificar se as percepções se alteram em função da idade das mesmas. Outra sugestão que poderia igualmente ser interessante, seria a comparar as percepções dos estilos parentais entre irmãos.

## VIII-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adalbjarnardottir, S., & Hafsteinsson, L. G. (2001). Adolescents perceived parenting styles and their substance use: Concurrent and longitudinal analysis. *Journal on Research on Adolescence*, 11, 401-423.

Balancho, L. S. F. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 22(2), 377-386.

Baumrind, D. (1965). Parental control and parental love. *Children*, 12, 230-234.

Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.

Baumrind, D. (1968). Authoritarian vs. authoritative parental control. *Adolescence*, 3: 255-272.

Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4 (1, Pt.2).

Block, J., Block, J. & Morrison, A. (1981). Parental agreement-disagreement on child-rearing orientations and gender-related personality correlates in children. *Child Development*, 52: 965-974.

Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, Washington, DC: American Psychological Association, n.32, p. 513-531, 1977.

Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas (Original publicado em 1979).

Burback, D. J., & Borduin, C. M. (1986). Parent-child relations and the etiology of depression: A review of methods and findings. *Clinical Psychology Review*, 6, 133-153.

Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. (2001). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71 (1), 127- -136.

Carranza, L. V., & Kilman, P. R. (2000). Links between perceived parent characteristics and attachment variables for women from intact families. *Adolescence*, 35, 295-312.

Carranza, L. V., Kilmann, P. R., & Vendemia, J. M. (2009). Links between parent characteristics and attachment variables for college students of parental divorce. *Adolescence*, 35, 295-312.

Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abusos físicos no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.

Collins, W. A., Maccoby, E. E., Steinberg, L., Hetherington, E., M., e Bornstein M. H. (2000). Contemporary research on parenting the case for nature and nurture. *American Psychologist*, 55(2), 18-232.

Costa, F., Teixeira, M., & Gomes, W. (2000). Responsividade e Exigência: Duas escalas para avaliar Estilos Parentais. *Psicologia e Reflexão Crítica*, 13(3), pp, 465-473.

Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.

Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as a context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496.

Ducharne, M. A., Cruz, O., Marinho, S. & Grande, C. (2006). Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP). *Psicologia e Educação*, Vol V, nº 1, 63-75.

De Antoni, C.; Medeiros, F.; Hoppe, M. W. & Koller, S. H. (1999). Uma família em situação de risco: resiliência e vulnerabilidade. *Interfaces: Revista de Psicologia*, 2, 81-85.

Froman, R. D., & Owen, S. V. (1990). Mothers`and nurses` perceptions of infant care Skills. *Research in Nursing and Health*, 13, 247 – 253.

Gilmore, L., & Custelly, M (2008). Factor structure of the parenting sense of competence scale using a normative sample. *Child: care, health and development*, 35(1), 48-55.

Goede; I., Branje, S. & Meeus, W. (2009). Developmental changes in adolescents' perceptions of relationships with their parents. *Journal Youth Adolescent*, 38, 75-88.

Gomes, J. (2009). Práticas educativas e suas limitações dos agentes de educação em instituições de acolhimento de crianças e jovens. Tese de Mestrado. ISPA: Lisboa

Gomide, P. I. C. (2009). A influência da profissão no estilo parental materno percebido pelos filhos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26 (1), 25-34.

Halpen, L. F., & Mclean, W. E. (1997). Hey mom, look at me! *Infant Behavior and Development*, 20(4) 515-529.

Hann, A. D. Prinzie, P., & Dekovic, M. (2009). Mothers' and Fathers' Personality and Parenting: The mediation role of sense of competence. *Developmental Psychology*, 45(6), 1695-1707.

Hart, C. H., Nelson, D. A., Robinson, C. C., Olsen, S. F., & McNeilly-Choque, M. K. (1998). Overt and relational aggression in Russian nursery-school-age children: parenting styles and marital linkages. *Developmental Psychology*, 34, 687-697.

Hill, M. M., & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

Hoffman, M. L. (1975). Moral internalization, parent power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology*, 11(2), 228-239.

Justo, A. (2005). A influência do estilo parental no stress do adolescente. Dissertação de mestrado. Brasil. Consultado a 19 de Outubro de 2012. [www.bibliotecadigital.pucampinas.edu.br/tde](http://www.bibliotecadigital.pucampinas.edu.br/tde).

Lamborn, S. D., Mouths, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M.(1991). *Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families*. *Child Development*, 62, 1049- 1065.

Litovsky, V., & Dusek, J. (1985). Perceptions of child rearing and self-concept development during the early adolescent years. *Journal of Youth and Adolescence*, 14(5), 373-383.

Lopez, N. L., Schneider, H. G., & Dula, C. S. (2002). Parent discipline scale: Discipline choice as a function of transgression type. *North American Journal of Psychology*, 4(4), 381-394.

Lordelo, E. R., Fonseca, A. L., & Araújo, M. L. V. B. (2000). Responsividade do ambiente de desenvolvimento crianças e práticas como sistema cultural da criação de filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(1), 73-80.

Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. Em P. H. Mussen (Org. Série) & E. M. Hetherington (Org. Vol.), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development* (4a ed.)(pp. 1-101). New York: Wiley.

Martinez, L. & Ferreira, A. (2007). *Análise de dados com SPSS*. Lisboa: Escolra Editora.

McFarlane, A. H., Bellissimo, A., & Norman, G. R. (1995). Family structure, family functioning, and adolescent well-being: The transcendent influence of parenting style. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 36, 847-864.

McGillicuddy-De Lisi, A. V., & De Lisi, R. (2007). Perceptions of Family relations when mothers and fathers are depicted with different parenting styles. *The Journal of Generic Psychology*, 168(4), 425-442.

Miguel, I., Valentim, J., & Carugati, F. (2009). Questionário de Estilos e Dimensões Parentais - Versão Reduzida: Adaptação Portuguesa do Parenting Styles and Dimensions Questionnaire - Short Form. *Psychologica*, nº 51, 169-188.

Milevsky, A., Schlecter, M., Netter, S., & Keehn, D. (2007). Maternal and paternal parenting styles in adolescents: Associations with self-esteem, depression, and life-satisfaction. *Journal of Child and Family Studies*, 16, 39-47.

Mistry, R. S., Vanderwater, E. A. Huston, A. C., & McLoyd, V. (2002). Economic wellbeing and children's social adjustment: the role of the family process in an ethnically diverse low-income sample. *Child development*, 73(3), 935-951.

Moreira, J. M. (2004). *Questionários: Teoria e prática*. Coimbra: Almedina

Moreira, C. (2008). Estilos Educativos e posturas parentais face aos estudos, estratégias de estudo, metas académicas e auto-conceito de alunos de 7º ano de escolaridade. Dissertação de mestrado. Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Porto.

Palácios, J. & Rodrigo, M. J. (1998). *Familia e Desarrollo Humano*. Madrid: Alianza Editorial, S.A.Madrid.

Paulson, S. E. & Sputa, C. L. (1996). Patterns of Parenting during adolescence: Perceptions of adolescents and parents. *Adolescence*, 31, 369-381.

Peixoto, F. (2004). Qualidade das relações familiares e auto-estima, autoconceito e rendimento académico. *Análise Psicológica* 1 (XXII), 235-244.

Pinderhughes, E. E., Dodge, K. A., Bates, J. E., Pettit, G. S., & Zelli, A. (2000). Discipline responses: Influences of parents' socioeconomic status, ethnicity, beliefs

about parenting, stress, and cognitive-emocional processes. *Journal of Family Psychology*, 14(3), 380-400.

Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M. & Hutz, C. S. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: Uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. Em C. S. Hutz (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção*(pp. 9-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Roskam, I., & Meunier, J. C. (2009). How do parenting concepts vary within and between families?. *European Journal of Psychology of Education*, 24(1), 33-47.

Rouyer, V. Frascarolo, F., Zaouche-Gaudron, C., & Lavanchy, C. (2007). Fathers of girls, fathers of boys: Influence of child's gender on father's experience of engagement in, and representations of paternity. *Swiss Journal of Psychology*, 66(4), 225-233.

Salvador, A. P. V, & Weber, L.N. D. (2005). Práticas educativas parentais: Um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. *Interação em Psicologia*, 9, 341-353.

Sampaio, I. T. A. (2007). Inventário de estilos parentais (IEP): um novo instrumento para avaliar as relações entre pai e filhos. *PsicoUSF*, 12(1), 125-126.

Scott, W. A., Scott, R., & McCabe, M. (1991). Family relationships and children's personality: A cross-cultural, cross-source comparison. *British Journal of Social Psychology*, 30, 1-20.

SPSS (2007). *Statistical Package for Social Sciences, v.17.0*. Chicago, IL: SPSS, Inc.

Sturge-Apple, M. L., Davies, P. T., Boker, S. M., & Cummings, E. M. (2004). Interparental discord and parenting: Testing the moderating roles of child and parent gender. *Parenting: Science and Practice*, 4(4), 361-380.

Walker, A. J. (1999). Gender and Family Relationships. In M. B. Sussman, S. K. Steinmetz & G. W. Peterson (2nd Ed.). *Handbook of marriage and the family* (Cap. 16). New York: Plenum Press.

Weber, L., Prado, P., & Viezzer, A. B. (2004). Identificação de Estilos Parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *psicologia: Reflexão e crítica* (p. 323 \_ 331). Paraná- Rio Grande do Sul: Universidade Federal no Paraná.

Winsler, A., Madigan, A. L., & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and parental parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 20(1), 1-12.

Turkel, Y. D., & Tezer, E. (2008). Parenting styles and learned resourcefulness of Turkish adolescents. *Adolescence*, 43, 143-152.

## **IX - ANEXOS**